

MADLINE HUNTER

O SEDUTOR

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

ANA ÁLVARES

ASA

*Para o meu irmão
NICK
cujo sentido de humor ajuda a preservar a juventude
de todos à sua volta*

CAPÍTULO 1

1818

O Homem Diabo tinha chegado. Madame Leblanc ameaçara mandá-lo chamar e, pelos vistos, acabara mesmo por fazê-lo.

Diane ficou a ver a carruagem abrandar e parar em frente à entrada da escola. Verde e dourada, madeira muito trabalhada, puxada por quatro corcéis brancos. Podia ser a carruagem de um príncipe.

Ele nem sempre se apresentara em tão grande estilo. Alturas houvera em que viera a cavalo, e uma vez a pé. Houve um ano em que não veio de todo. Madame Leblanc estivera prestes a enviá-la para o orfanato dominicano dos pobres, até que chegara uma mulher que pagara para ela ficar mais algum tempo.

Uma sensação acre revolvia-lhe o estômago. Um tutor que só fazia visitas anuais, por dever, não iria gostar de ser chamado por causa de um desastre.

Subitamente, o plano audaz que ela havia arquitetado afigurava-se-lhe inútil. Confrontando-se com o inevitável, concluíra que o destino lhe determinara um futuro que ela, demasiado covarde, não tomara a iniciativa de abraçar.

De olhos na carruagem, sentiu a sua frágil coragem abandoná-la. O santuário que era esta escola podia ser solitário e pequeno, mas era seguro. A demanda que clamava por ela podia esperar.

Talvez até pudesse ser ignorada, com o tempo.

O Homem Diabo desceu da carruagem, esplêndido, de casaco azul-profundo e botas de cano alto. O vento soprava-lhe no cabelo escuro. Não trazia chapéu. Nunca usava chapéu.

Nem sempre parecera tão rico. Ela lembrava-se vagamente de anos em que parecera quase rústico. Tinha havido uma altura, há muito tempo, em que ela julgara que ele estava doente. Rico ou pobre, os encontros deles seguiam sempre o mesmo padrão. Ele olhava para ela, quase nada, e fazia as perguntas dele.

Estais a ser bem tratada? Tendes alguma queixa? Estais a aprender as vossas lições? Que idade tendes agora?

Ele não ligava às respostas. Ela dizia-lhe o que ele queria ouvir. Exceto uma vez. Ela tinha sido vergastada por uma transgressão que não cometera e, aquando da visita dele, a humilhação ainda estava muito viva. Fez-lhe queixa, num impulso. Surpreendentemente, nunca tinham voltado a açoitá-la. Antes de se ir embora, ele proibiu-o, para grande frustração de Madame Leblanc. Dali em diante não podia ser fisicamente castigada sem a permissão dele.

Razão pela qual ele havia sido chamado.

Com passadas largas, ele dirigiu-se para a entrada. Ela mal lhe viu o rosto, mas o que viu daquele semblante sério foi suficiente para saber com certeza de quem se tratava.

– Denunciai-me e eu mato-vos.

O sussurro hostil arrancou Diane aos seus pensamentos. Rodou imediatamente sobre os calcanhares.

Madame Oiseau, a professora de música, fitava-a com olhos fulminantes, da porta que tapava com o corpo. Baixa e franzina de estatura, constituía, ainda assim, uma barreira eficaz. Os seus olhos reluziam como dois pedacitos de carvão naquele rosto bem desenhado. O seu cabelo escuro parecia emaranhado, como se de manhã se tivesse arranjado a correr.

– Não duvideis que o faço, Diane. Aceitai o castigo, ficai em silêncio, e eu serei vossa amiga. Senão... – Ergueu eloquentemente as sobrancelhas.

Um arrepio percorreu Diane, como se o próprio Mal lhe respirasse para o pescoço.

– Ninguém acreditará em vós – continuou Madame. – E quando acabar, ainda estaremos cá as duas. Sois esperta que chegue para fazeres a escolha acertada. – Abriu a porta. – Descei quando vos chamarem. Eu levo-vos.

Atónita, Diane ficou a vê-la sair.

Passou os olhos pelo quarto espartano, procurando conforto nos objetos familiares. Podia parecer estranho, mas gostava da cama dura e da colcha velha, da cadeira de madeira e da secretária simples. O guarda-fatos precisava de uma pintura e, com os anos, a bacia cor-de-rosa ficara bastante lascada. Os confortos físicos eram poucos, mas o tempo fizera do quarto estreito o centro da sua vida. Era o único lar de que conseguia lembrar-se.

Imaginava-se a viver neste quarto durante alguns anos mais. Não feliz, mas satisfeita. Não era um futuro assim tão mau, mesmo com aquilo que enfrentava hoje, mesmo com Madame Oiseau por perto. A alternativa surgia diante dela como um vazio interminável, escuro e imperscrutável.

As velhas perguntas começaram a intrometer-se, privando o aposento do seu parco conforto. Interrogações da sua infância, nunca proferidas e nunca respondidas. *Quem sou eu? Porque vim para aqui? Onde está a minha família?* Durante alguns anos deixara de fazer estas perguntas, mas recentemente as interrogações haviam regressado, mais audíveis e mais veementes, até se tornarem um cântico silencioso, um eco, numa parte funda do seu coração.

As respostas não estavam aqui. Saber a verdade significava abandonar este pequeno mundo.

Ela só precisava de agarrar a oportunidade que o destino havia criado.

Deveria fazê-lo? Deveria deixar-se à mercê do Homem Diabo?

*

– ...se ela permanecer impune, tenho de insistir que parta. Não posso deixar que a virtude das minhas raparigas seja corrompida...

Madame Leblanc prosseguia com o seu discurso em tom grave. Absorto em pensamentos sobre os assuntos inacabados que deixara em Paris, Daniel St. John mal a ouvia.

Qualquer coisa a propósito de um livro. Claro que a rapariga teria livros. Tratava-se de uma escola.

Ele forçou-se a prestar atenção à professora grisalha e avantajada, interrompendo o fluxo contínuo. – A vossa convocatória dizia que o assunto era sério, *madame*. Presumi que ela adoecera e estava às portas da morte.

Fora um inusitado golpe de sorte a carta tê-lo sequer encontrado em Paris. O certo é que não planeara interromper a sua visita para fazer esta viagem. Estava aborrecido por ter sido incomodado a propósito de um assunto de tão pouca importância. – Se ela tiver infringido as regras, tratai disso como é hábito. Como eu vos pago para fazer. Não havia necessidade de mandar chamar-me.

Madame Leblanc baixou a cabeça e lançou-lhe um olhar furioso. – Esta transgressão requer mais do que pão e água durante alguns dias, *m'sieur*, e vós destes ordens expressas para ela não ser castigada com a vergasta sem a vossa permissão.

– Dei? Quando foi isso?

– Há anos. Eu disse-vos que semelhante brandura vos traria desgostos, como agora se vê.

Sim, ele recordava vagamente a expressão grave do rosto da criança, pedindo-lhe que fizesse justiça. Não se lembrava de ter dado instruções sobre o assunto. Se tivesse sabido que se revelaria de tal forma inconveniente, não teria sido tão generoso.

Endireitou-se na cadeira, preparando-se para revogar a ordem. O seu olhar recaiu sobre a vara de salgueiro pousada na secretária. A memória de olhos chorosos e de uma voz embargada a acusar Madame Leblanc de brutalidade injustificada voltou-lhe à memória.

– Dissestes algo a propósito de um livro. Deixai-me vê-lo.

– *M'sieur*, não será necessário. Asseguro-vos que é de tal natureza que, no mínimo, só pode ser proibido.

– Isso pode querer dizer que se trata apenas de um volume de poemas de Ovídio ou o panfleto religioso de um dissidente. Gostaria de o ver e avaliar por mim próprio.

– Não acho que...

– O livro, *madame*.

Ela foi até um armário. Utilizando uma das várias chaves que trazia num cordel à volta do pescoço, destrancou-o e pegou num volume pequeno e vermelho. Atirou-lho e retirou-se para junto de uma janela. Colocou-se de costas voltadas para ele, assim condenando a literatura que ele tinha nas mãos.

Ele abriu-o com um movimento rápido e viu imediatamente porquê.

Não era literatura. A bem dizer, não tinha uma palavra. O fino volume continha apenas gravuras que mostravam relações carnis em toda a sua inventividade.

Folheou-o. As coisas começavam com bastante simplicidade, mas tornavam-se cada vez mais atléticas. Para o final, havia algumas representações que lhe pareceram completamente impraticáveis.

– Estou a ver – disse ele, fechando ruidosamente o livro.

– Deveras. – O tom dela dizia que ele tinha visto mais do que era necessário.

– Mandai chamar a criança, *madame*.

O rosto dela iluminou-se de satisfação. – Gostaria que estivésseis aqui quando se fizer. Ela deve saber que vós aprovais.

– Mandai chamá-la.

Madame Oiseau entrou com Diane.

Como era esperado, um visitante aguardava no gabinete da diretora. O Homem Diabo reclinava-se na cadeira de Madame Leblanc, por trás da secretária de madeira. Madame Leblanc estava

ao lado dele, hirta, um pilar de censura. Estavam pousados dois itens na secretária impecável. Uma vergasta e o livro.

Como era típico, Daniel St. John mal olhava para ela. Parecia um tanto aborrecido e muito entediado. Ela quase contava que ele bocejasse e pegasse na caixa do rapé.

Na verdade, ele não tinha aspeto de diabo. Ela dera-lhe aquele nome quando era pequena por causa dos olhos. Escuros e intensos, eram emoldurados por sobranceiras despenteadas nas pontas. Aquelles olhos conseguiam trespassar uma pessoa se ele estivesse a prestar atenção.

Como ele nunca o fazia, ela já não os considerava assim tão assustadores.

A boca dele apresentava-se numa linha direita, dura e carnuda; mas, na verdade, estava sempre assim. Mesmo quando sorria, a boca só se curvava o suficiente para sugerir que o que quer que estivesse a diverti-lo era qualquer coisa só dele. Juntamente com os olhos e o rosto esculpido, fazia-o parecer cruel. Talvez fosse. Ela não fazia ideia. Ainda assim, suspeitava que as mulheres o consideravam muito atraente, e talvez até julgassem aquela dureza apelativa. Ela vira Madame Oiseau derreter-se toda na presença dele.

Ele não era tão velho como ela certa vez achara. Com o amadurecimento dela, ele rejuvenescera. Ela reparava agora que ele não podia ter mais de trinta anos, o que lhe pareceu verdadeiramente peculiar. Ele havia sido adulto durante toda a vida dela e devia ser mais velho.

Era fácil esquecer o quão duro ele podia parecer. Todos os anos, os meses esbatiam-lhe a memória. Ao vê-lo agora, sabia que o seu plano tinha sido estúpido. Ele não aturaria mais inconvenientes e ela seria deixada ali, aguardando a vingança de Madame Oiseau.

– *M'sieur* soube do vosso comportamento deplorável – informou Madame Leblanc. – Está chocado, como seria de esperar.

Ao ouvir a descrição da sua reação, ele esboçou um dos seus sorrisos sardónicos. Bateu levemente no livro. – Há alguma explicação?

Madame Oiseau aproximou-se, lembrando-lhe a ameaça que fizera. Madame Leblanc fitava-a com olhos furiosos, desafiando-a a atrever-se a inventar desculpas. O Homem Diabo parecia indiferente, como sempre. Queria despachar o assunto para poder ir-se embora.

Diane fez a sua escolha. A escolha segura, covarde. – Nenhuma explicação, *m'sieur*.

Ele ergueu os olhos para ela, subitamente atento. Durou apenas um instante. Voltou a afundar-se na cadeira e fez um gesto impaciente a Madame Leblanc.

As duas mulheres prepararam a divisão para o castigo. Um genuflexório foi arrastado a custo para o centro do gabinete e uma cadeira colocada à sua frente. A diretora pegou na vergasta e fez sinal à pecadora para se colocar em posição.

O Homem Diabo limitava-se a continuar sentado, perdido nos seus pensamentos, de olhar fixo na secretária, ignorando a atividade à sua volta.

Ele ia ficar. Madame Leblanc insistira que ele presenciasse tudo.

Diane já sabia que ficar significaria castigo. Madame Leblanc acreditava sinceramente que o pecado merecia o açoite e não reservava a vergasta apenas para as alunas. Vários meses antes, uma serçal de idade madura fora apanhada a sair à socapa para se encontrar com um homem e havia-lhe sido aplicada a mesma justiça.

A ferver de humilhação e rezando para que ele não saísse daquele torpor, Diane aproximou-se do genuflexório. Subindo para a plataforma, apoiou as ancas ao apoio almofadado para os braços, dobrou-se e agarrou-se ao assento da cadeira para se equilibrar.

Madame Oiseau levantou-lhe cerimoniosamente a saia do vestido sem formas. Madame Leblanc exortou-a, como era hábito, a rezar e pedir perdão.

A vergasta abateu-se sobre as suas nádegas expostas. Novamente. Ela cerrou os dentes de dor, sabendo que era vão. Iam açoitá-la sem misericórdia, até ela pedir o perdão divino.

– Parai. – A voz dele rasgou a tensão que enchia a sala. Madame Leblanc aproveitou para dar um último açoitete.

– Eu disse para parardes.

– *M'sieur*, tem de...

– Parai. E saí.

Diane começou a endireitar-se.

Madame Oiseau empurrou-a para baixo. – Parece que o tutor dela está tão indignado que se sente na obrigação de ministrar ele próprio o castigo, Madame Leblanc – disse, com falinhas mansas. – É apropriado para um pecado destes, não é?

Madame Leblanc debatia-se numa série de murmúrios. Madame Oiseau deu a volta ao genuflexório. As duas mulheres saíram.

Ela ouviu-o levantar-se e caminhar na sua direção. Esperou que ele despachasse rapidamente o assunto. Suportaria de bom grado qualquer dor só para pôr fim à humilhação que sentia, ali naquela posição, seminua.

A saia flutuou para baixo. Um aperto firme tomou-lhe o braço. – Levantai-vos.

Ela endireitou-se e compôs o vestido largo. Combatendo a humilhação, olhou-o de frente.

Ele voltara a sentar-se à secretária. Sem ponta de tédio, agora. Decididamente a prestar atenção. Aquele olhar sombrio deixou-a perturbada.

Ele indicou o livro. – Onde o arranjastes?

– Isso importa?

– Eu diria que sim. Pus-vos numa escola que é praticamente uma redoma. Acho curioso terdes encontrado uma coisa assim.

A ameaça de Madame Oiseau retinia-lhe nos ouvidos. Ela era mulher para o fazer. Matar alguém. E quando isso acontecesse, o Homem Diabo não se importaria minimamente. Ficaria grato por lhe pouparem a viagem todos os anos.

– Roubei-o.

– A um livreiro?

– Roubei-o e Madame Leblanc encontrou-o entre os meus pertences. É tudo o que interessa. A Madame diz que desculpas e explicações só tornam o pecado pior.

– A sério? Que disparate. Compreendeis por que razão Madame ficou tão chocada por terdes este livro?

– As mulheres estão despidas, por isso presumo que seja sobre pecados da carne.

A resposta pareceu divertí-lo, como se lhe tivesse ocorrido uma réplica acertada mas a guardasse para si. – Acredito que roubastes este livro mas julgo que foi a alguém daqui. A Madame Leblanc?

Ela abanou a cabeça.

– Também não me pareceu. Foi a outra, não foi? A que não cabia em si de contente por vos deixar a sós comigo. – Ele trespassou-a com aqueles olhos. – Dizei-me, já.

Ela hesitou. Na verdade, ele não queria saber dela. Era a primeira vez em anos que olhava sequer para ela decentemente.

Estava a fazê-lo, sem dúvida. Incisivamente. Profundamente. Provocava-lhe desconforto.

Ele havia-a ajudado, daquela vez que se queixara. Talvez se lhe dissesse ele concordasse em não dizer nada e as coisas pudessem continuar como antes. Ou, se ele a denunciasse, quem sabe Madame Leblanc acreditasse nele e Madame Oiseau fosse dispensada.

Havia algo na sua expressão que indicava que ele descobriria a verdade, de uma maneira ou de outra. Algo determinado, implacável até, ardia naqueles olhos diabólicos.

Preferia-o, de longe, aborrecido e indiferente.

– Pertence a Madame Oiseau, tal como adivinhastes – disse ela. – Há uma rapariguita, de catorze anos no máximo, a quem ela o tem mostrado. A rapariga contou-me que Madame Oiseau lhe descrevera as riquezas reservadas para uma mulher que fizesse coisas daquelas. Eu fui ao quarto de Madame e peguei nele. Eu estava à procura de uma forma de o trazer cá para baixo, para o lume, mas Madame Oiseau queixou-se que lhe tinha desaparecido um broche

e os quartos das raparigas foram todos revistados. – Encontraram o livro no meu.

– E o broche, nem vê-lo, pois não?

– Não.

Os olhos dele estreitaram-se, pensativos, ao percorrer o corpo dela, detendo-se no seu rosto. Tentava decidir se ela dizia a verdade.

– Com que idade estais?

A pergunta anual, lançada agora, sobressaltou-a. – Dezassexis.

– Falastes da vossa amiga que tem catorze como se fosse uma rapariguinha.

– Comporta-se como uma.

Ele examinou-a lenta e cuidadosamente. Nunca tinha olhado para ela durante tanto tempo nem com tanta minúcia. Nunca ninguém o havia feito.

– Trouxe-vos para aqui, quê, há dez anos? Doze? Foi logo a seguir a... Éreis uma rapariga nessa altura, mas não uma criança. – O olhar dele foi de encontro ao dela, frontal. – Que idade tendes?

O seu plano tonto concretizava-se apesar da sua covardia.

Só que agora ela não queria.

– Dezassexis.

– Não tenho paciência para mulherzinhas que tentam fazer de mim idiota. Julgo que, se desfizemos essas tranças infantis e vos soltarmos o cabelo, e se vos apresentardes noutra coisa que não esse vestido, saberemos a verdade.

– A verdade é que tenho dezasseis anos.

– Deveras? Satisfazei-me a curiosidade, então. – Indicou a cabeça dela. – O cabelo. Soltai-o.

Amaldiçoando-se por ter atraído a atenção dele, puxou pelas fitas que prendiam as tranças. Desfazendo-as e penteando-se com os dedos, soltou o cabelo, que lhe caiu em ondas à volta do rosto e pelo corpo abaixo.

O seu olhar duro suavizou-se, o que devia tê-la tranquilizado, mas o efeito foi o oposto. Sentiu um arrepio de temor nas costas.

– Que idade tendes? – Desta vez a voz era mais suave, sem dureza.